

# Sir Orfeo: uma tradução em dísticos rimados

## Sir Orfeo: A Translation in Rhyming Couplets

Samuel Renato Siqueira Sant'Ana  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)  
samuel.santana@unesp.br  
<https://orcid.org/0009-0002-3239-9370>

**RESUMO:** A presente tradução oferece pela primeira vez ao leitor de língua portuguesa o poema medieval *Sir Orfeo* (c. séc. XIV), uma *lay*, ou uma balada bretã, que possivelmente se trata de uma tradução a partir de um original em francês, atualmente perdido. A tradução foi elaborada a partir da edição e glossário de Sisam; Tolkien (2011), com o auxílio do *Middle English Dictionary* (Kuhn; Reidy, 1970), objetivando manter o esquema métrico original de versos em dísticos rimados, uma tradição facilmente encontrada na língua portuguesa, o que facilita o processo tradutório, embora o inglês médio seja um idioma distante da língua de chegada. Apresenta-se também uma breve introdução a respeito da história de seus manuscritos, de suas edições e de sua fortuna crítica, pautada em Horobin (2002), Sweet (2005), Brouland (1990) e Reaney (1958) seguida de um argumento a respeito de seu enredo, para que o leitor tenha maior facilidade para compreender os eventos narrados poeticamente. Com isso, espera-se que o poema possa se tornar mais conhecido em solo brasileiro e suscite maiores estudos relacionados ao seu gênero poético e à literatura escrita em inglês médio.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Sir Orfeo*; balada bretã; tradução; inglês médio; literatura medieval.

**ABSTRACT:** This translation offers, for the first time to Portuguese-speaking readers, the medieval poem *Sir Orfeo* (c. 14th century), a *lay*, or a *Breton lai*, which possibly is a translation from an original in French, now lost. The translation was prepared based on the edition and glossary by Sisam; Tolkien (2011), with the help of the *Middle English Dictionary* (Kuhn; Reidy, 1970), aiming to maintain the original metric scheme of rhymed couplets, a tradition easily found in the Portuguese language, which facilitates the translation process, although Middle English is a language distant from the target language. A brief introduction is also presented regarding the history of its manuscripts, its editions, and its critical reception, based on Horobin (2002), Sweet (2005), Brouland (1990), and Reaney (1958), followed by a summary of its plot so that the reader can more easily understand the events poetically narrated. In this way, it is hoped that the poem can become better known in Brazil and inspire further studies related to its poetic genre and to the literature written in Middle English.

**KEYWORDS:** *Sir Orfeo*; Breton lay; translation; Middle English; medieval literature.

## Introdução e argumento

Os estudos linguísticos e filológicos optaram por denominar de “inglês médio” a variante da língua inglesa falada na Inglaterra durante os anos de 1066 e 1500, situada entre o chamado “inglês antigo” dos anglo-saxões e o “inglês moderno inicial” de Shakespeare. O idioma possui essa etapa bem definida porque esta se inicia com a chamada “Conquista Normanda da Inglaterra”, quando os normandos, povo oriundo do atual norte da França, invadiram a Inglaterra e puseram fim à era anglo-saxã, modificando o inglês em todos os seus aspectos (Horobin; Smith, 2002, p. 1-2). A fonologia se tornou mais afrancesada, e certas vogais passaram a existir somente na escrita. O vocabulário, antes marcadamente germânico, entrou em um processo de latinização (Sweet, 2005, p. 1). A sintaxe tornou-se mais analítica, com os substantivos perdendo quase todos os casos gramaticais (Sweet, 2005, p. 45). A literatura, enfim, também atravessou drásticas mudanças.

A literatura anglo-saxã, antes elegíaca e heroica, foi substituída pela tradição normanda que, junto a culturas vizinhas à Inglaterra, como a galesa e a irlandesa, se voltava para o que se chama atualmente de “Matéria da Bretanha”, ou um ciclo de lendas que tratavam de aventuras da figura do Rei Artur e de seus cavaleiros da Távola Redonda (Reaney, 1958). Essas histórias, originalmente escritas em galês antigo, irlandês antigo e, principalmente, francês antigo, foram muito populares nas cortes de todos esses países, e se estenderam desde o século XI até o século XIV. Durante esse período, na Inglaterra, o inglês médio era considerado uma língua camponesa, ao passo que o latim e o francês normando (uma variante do francês antigo) eram tidos como os idiomas oficiais, cerimoniais e literários da corte inglesa (Horobin; Smith, 2002, p. 14).

No século XIV, entretanto, o cenário passa a se alterar, uma vez que o inglês médio começa a se tornar mais presente no meio literário inglês por uma série de motivos, entre os quais: i) a Inglaterra estava se tornando menos dependente comercialmente e culturalmente da região da Normandia, ao mesmo tempo em que Londres convertia-se em uma cidade cosmopolita, de forma que o francês normando já havia perdido a sua influência dos séculos anteriores; ii) o comerciante e poeta Geoffrey Chaucer (c. 1343-1400) se tornou muito popular ainda em vida e, com sua obra escrita em inglês médio, o interesse por literatura escrita no idioma vernacular dos ingleses aumentou (Horobin; Smith, 2002, p. 8); iii) um conjunto de escritores formou o que se denominou “Alliterative Revival”, uma pequena Renascença inglesa que buscou se voltar para a métrica inglesa antiga,

pré-Conquista Normanda, e que tratou de temas populares da Inglaterra, com seus exemplos mais notáveis sendo os poemas *Sir Gawain e o Cavaleiro Verde* (*Sir Gawain and the Green Knight*) e *Petro Lavrador* (*Piers Plowman*).

Dado esse contexto multifacetado, *Sir Orfeo* se torna um poema misterioso, pois pouco se relaciona com a inovação que o século XIV proporcionou para a poesia inglesa. A respeito de seu autor, nada se sabe, assim como ocorre com a maior parte dos poemas desde o período do inglês antigo, porém, conforme Sisam (2011, p. 11) demonstra, sabe-se que o texto do poema se encontra em três manuscritos que chegaram ao presente. O mais antigo é o *Auchinleck MS.*, datado de 1330, o segundo é o *Harley 3810*, e o último é o *Ashmole 61*, os dois últimos do século XV. O manuscrito mais antigo se encontra incompleto, portanto, os versos iniciais são retirados das outras duas cópias. Para além disso, diferentes edições do texto buscam criar uma versão coesa, que padronize a grafia e crie emendas para o texto final. A presente proposta de tradução foi elaborada com base na edição do texto de Sisam (2011, p. 14-31), ao passo que o glossário elaborado por Tolkien (2011) auxiliou no processo de estudo lexical da obra, com consultas pontuais ao *Middle English Dictionary*, de Kuhn; Reidy (1970), para passagens mais obscuras.

Ademais, o mistério consiste no fato de que é amplamente aceito que o poema seja um exemplo de uma *Breton lai*, ou uma balada bretã, uma forma poética típica das produções do período inicial da literatura em francês normando na França e na Inglaterra, sendo que nesta última o termo vernacular passou a ser “*lay*” (Reaney, 1958, p. 343). Entretanto, o texto sobrevivente destoa do gênero por dois principais motivos, quais sejam não estar escrito em francês antigo e nem tratar da Matéria da Bretanha. A métrica do poema também é incomum para o padrão das *Breton lais*, as quais possuem o esquema fixo de versos octossilábicos em dísticos rimados, conforme se observa na abertura de *Le Fresne*, de Maria da França (séc. XII), uma das autoras mais célebres do gênero:

Le lai del Freisne vus dirai  
Sulunc le cunte que jeo sai.  
En Bretagne jadis maneient  
Dui chevalier; veisin esteient.

(A balada de Fresne eu vos direi  
segundo a história que eu sei.  
Na Bretanha viviam outrora  
dois cavaleiros, que eram vizinhos)  
(Maria da França, 1994, p. 98, tradução nossa)

Realizando a escansão dos versos é possível encontrar o padrão de oito sílabas poéticas, sendo que cada par de versos irá rimar no esquema AABB:

Le / lai / del / Freis / ne / vus / di / rai	A
Su / lunc / le / cun / te / que / jeo / sai.	A
En / Bre / tai / ne / ja / dis / ma / neient	B
Dui / che / va / lier; / vei / sin / es / teient.	B

*Sir Orfeo*, no entanto, não se encontra disposto em versos octossilábicos, pois possui métrica livre, apesar da rima emparelhada se fazer presente. É por esse motivo que, junto a menções a uma *lai* “d’Orpheÿ”, é amplamente aceito que *Sir Orfeo* seja uma tradução de uma *Breton lai* escrita originalmente em francês antigo e atualmente perdida. Uma das menções, por exemplo, se encontra em uma *lai* anônima do século XIII chamada *Lai de l’Espine*, fazendo com que se pressuponha, então, que “Orpheÿ” fosse uma *lai* popular e anterior, pelo menos, aos 1200s:

Apriès celi, d’autre commenche,  
nus d’iaus n’i noise ne n’i tenche;

Le lai lor sone **d’Orpheÿ**,  
e qant icel lai ot feni,  
li chevalier après parlerent,  
les aventures raconterent  
que soventes fois sont venues  
e par Bretaigne sont veües.

(depois disso, ele começa outra,  
não se ouvia jogo, barulho nem briga,  
a **lai de Orfeu** toca para eles,  
e, quando essa lai ele terminou,  
os cavaleiros depois falaram  
e contaram as aventuras  
que muitas vezes lhes haviam acontecido,  
e que eles haviam visto na Bretanha)  
(*Espine apud Brouland*, p. 42, tradução e grifos nossos)

Essa teoria suscita questões relacionadas ao papel do suposto tradutor medieval e ao motivo para uma tradução ter sido confeccionada na Inglaterra para o inglês médio.

Tendo em vista que a forma poética da *Breton lai* tenha encontrado o auge de sua popularidade entre os séculos XI e XIII, e os manuscritos de *Sir Orfeo* são tardios a esse período, pertencendo aos séculos XIV e XV, pode-se supor que a tradução tenha se dado por conta do declínio da cultura normanda na Inglaterra

no período tardio do inglês médio, uma vez que, à época dos manuscritos, haviam poucos falantes de francês normando no país, fazendo com que traduções comesçassem a se fazer necessárias caso houvesse o interesse de se debruçar sobre essa forma da literatura outrora tão conhecida. Somado a isso, tomando como fato que o poema seja uma tradução poética e não uma tradução de uso, o tradutor teria, pelo menos, realizado pequenas adaptações para que a rima se fizesse presente, uma vez que em uma tradução literal o efeito não seria alcançado.

Tal constatação suscita outra problemática a respeito da extensão das “interferências” do tradutor original no conteúdo primevo da *lai* em francês antigo, motivo pelo qual esta figura passará a ser chamada de tradutor-poeta, uma vez que “traduzir o poema é trabalhar a língua de chegada para se obter uma relação semelhante a nível de significantes que acarretará uma significância correlata à do poema original. ‘A tradução não é então uma paráfrase, um significado antes, ela pode produzir um texto’” (Laranjeira, 2003, p. 29-30). Ou seja, até que ponto o texto traduz e não cria a partir de uma fonte original é impossível de se localizar com precisão, mas alguns elementos textuais reforçam a tese de que a *lai* “d’Orphey” teria servido como material-fonte para uma nova composição que foi para além da semelhança entre os títulos e as personagens. De acordo com o que é afirmado no prólogo do poema (vv. 1-24), o eu lírico anuncia que a balada foi composta originalmente pelos bretões harpistas e que está prestes a ser recontada de acordo com o que se lembra. Ou seja, os versos explicitam como o tradutor-poeta ao menos se inspirou em uma balada já existente, e o fato deste prólogo estar ausente no manuscrito *Auchinleck* reforça ainda mais a tese de todo este trecho seja uma interpolação posterior do tradutor-poeta, que já não era bretão e anuncia para sua audiência que o poema fora composto séculos antes por outro povo:

In Brytayne þis layes arne ywryte,  
Furst yfounde and forþe ygete,  
Of adventures þat fillen by dayes,  
Wherof Brytouns made her layes.  
[...]  
Of adventures þat han befallē  
Y can sum telle, but nouȝt all.  
Herken, lordyngys þat ben trewe,  
And y wol ȝou telle of Sir Orpewe

(Na Bretanha essas baladas foram escritas,  
primeiro são criadas e depois transmitidas,  
sobre aventuras que os dias preencheram,  
das quais os bretões suas baladas conceberam  
[...]  
De aventuras que aconteceram em tempos atrás,  
eu posso contar algumas, mas todas jamais.  
Ouçam, senhores, o que aconteceu,  
e eu vos irei contar de Sir Orfeu).  
(Sir Orfeo *apud* Sisam, 2011, p. 14, tradução nossa)

O termo bretão pode designar tanto o povo habitante da região da Bretanha, no norte da França, quanto o povo celta que habitou e continua habitando a região da Cornualha, no extremo sudoeste da Grã-Bretanha, ilha cujo nome se originou precisamente do povo bretão que já habitava o continente europeu. Com base nisso, uma vez que a ação se passa explicitamente na Inglaterra (“Ingland”, v. 26) e o tradutor-poeta anuncia ser capaz de contar algumas das histórias que os bretões conceberam, ele se coloca como alguém que teria entrado em contato com esse tipo de literatura e a estava apresentando a um público leigo, ou seja, para os ingleses, a partir de uma história bretã, que no caso em tela faz referência aos bretões franceses, personagens tradicionais das *Breton lais*.

Adentrando o enredo em si, o poema é essencialmente uma releitura do mito grego de Orfeu, em que o poeta transpõe o local e o tempo da ação para a Inglaterra medieval. Como foi observado, as *Breton lais* se situavam na Bretanha francesa, portanto, esse deslocamento geográfico é mais um indício das intervenções do tradutor-poeta. O herói nesta nova versão é um rei harpista, cuja bela esposa Heurodis (uma adaptação fonética de Eurídice) não é mais morta, e sim raptada pelas fadas e levada para seu perigoso reino que os humanos não conseguem acessar (vv. 25-194). Orfeo abdica de seu trono, colocando seu regente em seu lugar, e, munido somente com sua harpa, parte para o desconhecido em busca de sua amada por dez anos, até que encontra a comitiva das fadas, as segue até seu reino e, disfarçado de humilde menestrel, oferece sua música para o feérico rei em troca de sua própria esposa (vv. 195-434).

Devido à sua bela performance, mesmo a contragosto, o rei das fadas permite que Heurodis seja levada por Orfeo, que então retorna para o seu lar para reaver o trono, mas não sem antes testar a fidelidade de seu regente, ao se passar por um maltrapilho que anuncia a morte do antigo rei. Como o regente lamenta a suposta morte de seu antecessor, Orfeo conclui que sua lealdade era verdadeira e se

anuncia como o rei que retorna para o seu lar (vv. 435-596). Como encerramento, o eu lírico reforça que os bretões ouviram falar dessa história e criaram o poema em homenagem ao rei, transportando para a audiência a impressão de que todos os eventos narrados haveriam acontecido e conectando o passado mítico com o presente dos ouvintes (vv. 597-604).

Um dos aspectos que mais se destaca nessa releitura do mito clássico é a inserção das fadas, que substituem o mundo dos mortos de Hades. As fadas, neste caso, são provenientes da mitologia celta e que, por meio da tradição francesa, foram incorporadas à cultura inglesa, embora não seja um tropo exclusivo da Matéria da Bretanha. Para uma análise mais aprofundada sobre o tema, o presente tradutor possui um artigo chamado “O mito de Orfeu na Inglaterra: uma análise da balada Sir Orfeo” (2025), que trata dessa questão à luz dos estudos do fantástico.

Com relação à preservação da rima na presente tradução, optou-se por manter esse recurso poético por julgar-se que o elemento da sonoridade é essencial para o poema, uma vez que o próprio tradutor-poeta assim o julgou no século XIV. Para além do enredo, a balada bretã era um entretenimento altamente performático, contando com a presença de instrumentos de corda, que auxiliavam no efeito musical da apresentação (Brouland, 1990, p. 14). Embora, evidentemente, a busca pelo efeito da rima acabe limitando a escolha dos vocábulos finais dos versos com base em sua sonoridade, acredita-se que esse foi o caminho mais apropriado para conferir à presente tradução a função de preservar os fatores linguísticos estruturais, uma vez que “a organização da substância sonora tem implicações fundamentais no modo de significação e na própria produção de sentido” (Laranjeira, 2003, p. 19), citando como exemplos a própria menção no poema de que Orfeo encanta o rei das fadas através da sonoridade de sua música e não apenas através da eloquência, ou mesmo a própria menção do eu lírico de que esta balada é especialmente famosa pela beleza do seu tom:

“Þat lay ‘Orfeo’ is yhote,  
Gode is þe lay, swete is þe note”

(“A balada de Orfeo’, ela é chamada,  
doce é o som dela, boa é a balada”).

(Sir Orfeo *apud* Sisam, 2011, p. 31, tradução nossa)

Por fim, na tradução, a escolha por manter a grafia original Orfeo ao invés de traduzi-la pela forma já consagrada “Orfeu” se deu pela conclusão de que Orfeo *não* é Orfeu, não é o herói da tradição clássica, e sim uma nova versão, seja inglesa

ou bretã, de um herói medieval, fato que o tradutor-poeta demonstra estar bem ciente ao optar por nomeá-lo com a grafia diferente da tradicional latina “Orpheus” amplamente conhecida na Europa medieval pela versão do mito presente no Canto X de as *Metamorfoses* (8 d.C.) do poeta romano Ovídio (43 a.C. - 18 d.C.).

É por esse efeito, que cria referência ao mesmo tempo em que cria distância da tradição clássica, que a menção à descendência de Orfeo nos versos 29 e 30 traz Pluto e Juno como reis que foram divinizados pelos seus grandes feitos. Essa prática é denominada “evemerismo”, uma teoria filosófica da Grécia antiga que propunha uma origem humana para os deuses gregos, que teriam sido seres humanos politicamente poderosos que passaram a ser cultuados ao longo dos séculos (Braz, 2020). Tal concepção se tornou popular na Idade Média para justificar as práticas pagãs dos antepassados dos poetas e intelectuais, que já estavam convertidos ao cristianismo e, portanto, não mais praticavam o politeísmo.

No mais, a variação “Orphewe” no verso 24 não é incomum para textos em inglês médio, uma vez que o idioma não possui norma-padrão (Horobin; Smith, 2002, p. 41), portanto diversas palavras se encontram grafadas de maneiras variadas, mesmo quando presentes em um mesmo texto, o que em verso acaba se tornando um recurso poético, possibilitando que uma palavra possa oferecer mais de uma opção de terminações para compor as rimas. Tal fenômeno ocorre analogamente na presente tradução, que utiliza “Orfeu” nos versos 24, 120, 518 e 543 apenas para fins estéticos.

Conforme o professor Mário Laranjeira (2003, p. 18) já apontou, em uma tradução de um texto escrito em um idioma para outro, a tradução interlingual, o que se busca é sempre a equivalência entre a mensagem I e a mensagem II, visto que a transferência da identidade do texto A para o texto B é sempre impossível. *Sir Orfeo*, por definição, sempre deverá ser repleto da atmosfera inglesa antiga, pois é, inclusive, como se demonstrou, o efeito que o tradutor-poeta buscou conferir aos seus leitores. Da maneira que o conhecemos, *Sir Orfeo* já deveria soar antigo para o público leitor/ouvinte de inglês médio e, portanto, deve ser uma janela para o passado da literatura franco-normanda, que se espera que agora o leitor de língua portuguesa também possa vislumbrar por meio da musicalidade dos versos que são o símbolo maior da figura de Orfeu.

## Sir Orfeo<sup>1</sup>

Muito nós lemos e nos escritos encontramos,  
assim como os eruditos fazem com que saibamos,  
as baladas que nas harpas foram tocadas  
de coisas maravilhosas são recheadas. 5

Algumas são de felicidades, e algumas de lamento,  
e algumas de alegria e também de divertimento.  
Algumas de traição, e algumas de desconfianças,  
e algumas de eventos que ficaram nas lembranças.  
Algumas de fardos, e algumas de piadas,  
e algumas delas são sobre o reino das fadas. 10

De tudo o que os homens podem ver,  
sobre o amor, a maioria delas vão ser.

Na Bretanha essas baladas foram escritas,  
primeiro são criadas e depois transmitidas,  
sobre aventuras que os dias preencheram, 15  
das quais os bretões suas baladas conceberam.

Em qualquer lugar, quando eles conseguiam escutar  
sobre aventuras que por ali acabavam de se passar,  
como entretenimento, as suas harpas eles tomavam,  
faziam baladas e a todas elas nomeavam. 20

De aventuras que aconteceram em tempos atrás,  
eu posso contar algumas, mas todas jamais.  
Ouçam, senhores, o que aconteceu,  
e eu vos irei contar de Sir Orfeu. 25

Outrora, Orfeo, um rei era,  
um grande senhor da Inglaterra,  
um homem valente e também vigoroso,  
ele também era alto e atencioso.  
Seu pai era descendente do rei Pluto  
e a sua mãe descendia do rei Juno, 30  
que por deuses, há tempos, tomados eram,  
pelas aventuras que se contam que fizeram.  
Orfeo, acima de qualquer outro afazer,

<sup>1</sup> Texto original em domínio público: <https://www.gutenberg.org/files/43736/43736-h/43736-h.htm#II>.

olhava o tocar da harpa com o maior prazer,  
todo harpista era levado na mais alta conta 35  
por ele, por possuir tamanha honra.  
Ele mesmo tocava a harpa tão amada  
e nisso colocava a sua habilidade aguçada.  
Tanto ele aprendeu que não havia como encontrar  
um harpista melhor, em nenhum outro lugar. 40  
Nunca houve no mundo um homem gerado  
que quando perante Orfeo estivesse sentado  
e ouvir a sua harpa pudesse  
não iria pensar como se estivesse  
diante de um dos deleites do Paraíso, 45  
de tanto que a sua harpa provocava o riso.

Este rei morava na Traciesa,  
que era uma cidade de nobre defesa,  
pois Winchester então era chamada  
de Traciesa, e, além disso, mais nada. 50  
O rei tinha uma rainha das mais gentis,  
que era chamada de senhora Heurodis,  
a dama mais bela, pois nenhum rosto  
podia se igualar a ela em carne e osso,  
ou ser mais repleto de amor e de gentileza, 55  
além de que era indescritível a sua beleza.

Aconteceu então no início de maio,  
quando alegre é o dia e quente é o sol com seu raio,  
e as geadas do inverno terminaram seus labores  
e todos os campos estão cheios de flores, 60  
e todas as pétalas desabrocham no seu galho,  
em todo lugar, a alegria faz o seu trabalho.  
A rainha de tudo isso, a senhora Heurodis,  
tomou duas de suas companheiras gentis  
e partiu logo depois do amanhecer 65  
para que, no jardim, pudesse se entreter,  
para ver as flores a nascerem e desabrocharem,  
e para ouvir os pássaros cantarem.

Elas se sentaram todas as três

sob uma pequena árvore em sua altivez, 70  
e logo em seguida essa bela dama  
caiu no sono em cima da grama.  
As donzelas não quiseram lhe despertar,  
deixaram-na apenas deitar e repousar.  
Assim, ela dormiu até chegasse a tarde, 75  
até que a alvorada se fosse sem alarde.  
Mas, logo assim que ela desperta,  
ela grita e um terrível clamor se liberta,  
suas mãos e seus pés ela agitou,  
e arranhou o seu rosto, que sangrou, 80  
suas ricas vestes ela rasgou de si,  
e foi tomada pelo seu frenesi.  
As duas donzelas em sua tutela  
não mais ousaram ficar com ela,  
as duas correram para o palácio sem rodeios 85  
e contaram a história aos cavaleiros e escudeiros,  
que a sua rainha havia perdido a razão  
e pediram que corressem em sua salvação.  
Correram os cavaleiros e as damas a pé,  
sessenta companheiras e mais até, 90  
para o jardim que a rainha tinha ido,  
e em seus braços a tinham recolhido  
e a levaram para a cama, finalmente,  
e lá a detiveram vigorosamente,  
mas ela ainda continuava a gritar 95  
e a se levantar e a tentar escapar.

Quando Orfeo soube desse acontecimento,  
foi tomado como nunca de sofrimento.  
Com dez cavaleiros de sua guarda,  
ele se aproximou da rainha, na sala, 100  
e contemplou, e disse com grande piedade:  
“Ó vida, qual o motivo da tua enfermidade?  
Tu, que foste a mais tranquila das damas,  
e que agora gritando bem alto reclamas.  
Teu corpo, que dantes foste tão branco, 105

de tuas unhas sofreu grande arranco.  
 Veja! As bochechas tão vermelhas de outrora  
 estão pálidas como se morta estivesses agora,  
 e também os teus dedos delicados  
 estão todos ensanguentados e pálidos. 110

Veja! Também os teus olhos amorosos  
 parecem encarar inimigos tenebrosos.  
 Ah! Senhora, eu peço piedade.  
 Cesse esse grito e toda a infelicidade,  
 e, o que aconteceu e o como, me diga, 115  
 e o que poderia acabar com a tua agonia.”

Ela enfim conseguiu se deitar  
 e rapidamente começou a chorar,  
 e assim ao rei respondeu:  
 “Ah! Meu senhor, Sir Orfeu, 120  
 desde que juntos nós estamos,  
 a fúria do outro nós nunca encontramos,  
 sem mencionar que eu sempre te amei  
 como a minha vida, e tu também, meu rei.  
 Mas agora em dois devemos nos dividir, 125  
 para o teu bem, pois eu devo partir.”

“Ah!” ele disse, “eu estou condenado.  
 Partir para onde e para quem lhe é destinado?  
 Para onde tu fores eu irei contigo,  
 e para onde eu for, tu irás comigo.” 130

“Não, não, senhor, isto não pode ser,  
 te direi como tudo acabou de acontecer:  
 Enquanto eu me deitava de manhã, já pelo seu fim,  
 e dormia embaixo de uma árvore em nosso jardim,  
 vieram a mim dois belos cavaleiros, 135  
 bem armados, trajados como guerreiros,  
 e pediram-me para que depressa partisse,  
 e que com o senhor rei deles discutisse.  
 E eu respondi com palavras cheias de ousadia,  
 que eu não me atreveria e que nem queria. 140  
 Esperando, eles foram embora ostensivamente,

então seu rei também apareceu rapidamente,  
com cem cavaleiros e ainda mais,  
e cem donzelas, além dos demais,  
todos possuíam as mais brancas montarias, 145  
brancas como o leite eram todas as cavalarias:  
Eu nunca tinha visto antes  
criaturas tão belas e elegantes.  
O rei tinha uma coroa sobre a sua cabeça,  
não era de prata nem de ouro que se conheça, 150  
mas era feita de material que se prezava,  
tão brilhante quanto o sol ela iluminava.  
E assim que de mim ele se aproximou,  
quisera eu ou não, ele me chamou,  
e fez que com ele eu tivesse cavalgado 155  
sobre uma égua, junto ao seu lado,  
e me levou para o palácio, para sua morada,  
que era bem ornado por toda a sua fachada,  
e me mostrou os castelos e as torres,  
rios, florestas, jardins cheios de flores, 160  
e seus ricos espaços em cada lugar,  
e depois me trouxe de volta para o lar,  
para o nosso próprio jardim,  
e logo em seguida me disse assim:  
‘Veja, senhora, tu deves estar amanhã 165  
aqui embaixo desta árvore pela manhã,  
e então conosco tu deves partir  
e no meio de nós para sempre residir,  
e se tu fizeres com que nós nos atrasemos,  
onde estiveres, o pior lhe virá logo menos, 170  
e a todos os teus membros irá despedaçar,  
tanto até que nada mais possa te ajudar,  
e mesmo estando toda despedaçada,  
ainda assim conosco tu serás levada.’”  
Enquanto a esse relato o rei Orfeo ouvia, 175  
“Nossa! Puxa! Uia!” ele dizia,  
“Seria melhor que eu perdesse a vida minha

do que perder a minha esposa, a rainha!”  
Ele pediu conselho a cada um no salão,  
mas ajudar a ele ninguém podia então. 180

No dia seguinte, a manhã havia chegado,  
e, aos seus exércitos, Orfeo tinha convocado,  
bem como mil cavaleiros que trazia consigo,  
todos armados e preparados para o perigo,  
e ele avançou, com a rainha sob sua guarda, 185  
direto para debaixo da árvore mencionada.

Eles fizeram uma barreira por todos os lados,  
e disseram que iriam ficar ali prostrados,  
e que lá cada um deles iria morrer,  
antes que a rainha deles pudessem obter. 190

Mas, mesmo com toda a armada,  
a rainha deles logo foi tomada,  
pela magia das fadas foi levada para longe,  
os homens não sabiam dizer para onde.

Então houve gritos, choros e lamentos. 195  
O rei se retirou para os seus aposentos  
e muitas vezes se atirou sobre a pedra do chão,  
e passou por tanta penúria e tanta lamentação  
que por pouco não perdeu a sua vida:  
para isso, não havia nenhuma saída. 200

Ele convocou todos os seus barões,  
condes e renomados senhores varões,  
e quando todos haviam chegado sem demora,  
“Senhores”, ele disse, “diante de vós agora  
eu nomeio o meu mais alto regente 205  
para assumir o meu reino daqui para a frente,  
em meu lugar ele deve ficar,  
para todas as minhas terras guardar.

Pois agora que a minha rainha está perdida,  
a mais bela dama que já foi concebida, 210  
nunca mais nenhuma outra mulher eu irei ver.  
Para as terras selvagens eu irei proceder,  
e lá viverei eternamente a partir deste momento,

com feras selvagens no bosque cinzento.

E quando souberdes que vivo eu não estou mais, 215  
um parlamento então, vós mesmos convocais,  
e escolhei vós mesmos um novo rei.  
Agora, com tudo o que é meu, o melhor fazei.”

Então, por todo o salão, houve muitos choros,  
e grandes lamentos em meio a eles todos, 220  
difícil seria, ao velho ou jovem, naquele instante,  
proferir alguma palavra que fosse reconfortante.  
Eles se ajoelharam, todos juntos em um cortejo,  
e rogaram-lhe, caso fosse esse o seu desejo,  
para que ele nunca ousasse os abandonar. 225  
“Basta!” ele disse, “assim deve se dar.”

A todo o seu reino ele abandonou,  
nada além de um manto ele levou,  
ele não tinha casaco, nem gorro,  
nem camisa e nenhum outro tesouro. 230  
Ele levou consigo a sua harpa apenas,  
e, descalço, partiu do portão a duras penas,  
nenhum homem devia partir com ele não.

Ó céus! O que havia de choro e lamentação,  
quando ele, que havia sido rei com a sua coroa, 235  
partiu da cidade em uma condição nada boa!  
Pela floresta e através dos pantanais,  
ele partiu rumo aos campos rurais.  
Ele não encontra nada que lhe seja agradável,  
ele apenas vive de forma sempre miserável. 240  
Ele, que já teve robes espessos e coloridos,  
e cama púrpura, ornada com finos tecidos.  
agora, na dura planície, ele se deita,  
com folhas e grama ele se enfeita.

Ele, que tinha tido castelos e torres, 245  
rios e florestas cheias de flores,  
agora, quando começa a fazer frio e a nevar,  
esse rei deve a sua cama no musgo preparar.  
Ele, que tinha tido os melhores de sua cavalaria

ajoelhados perante si, e as damas de companhia, 250  
 agora, nenhuma das coisas que vê lhe apraz,  
 apenas lhe infestam os vermes de apetite voraz.  
 Ele, que tinha tido tanta fartura  
 de carne e de bebida de toda envergadura,  
 agora, o dia todo ele deve cavar e procurar 255  
 antes de a sua porção de raízes encontrar.  
 No verão, ele vive de silvestres frutos  
 e de morangos, mas bem miúdos.  
 No inverno, pode ser que ele não encontre nada  
 a não ser as raízes, a grama e a casca. 260  
 Todo o seu corpo tinha se transformado,  
 por causa dos apuros, e ficou todo curvado.  
 Senhor! Quem poderia narrar tamanha tristeza  
 que sofreu por dez anos, e até mais, a vossa alteza?  
 O pelo de seu cabelo e barba, negro e alinhado, 265  
 até a altura de sua cintura tinha se alongado.  
 A sua harpa, de onde vinha toda a sua alegria,  
 dentro de uma árvore oca, ele a escondia,  
 e quando o dia estava ensolarado e quente,  
 ele tomava para si a sua harpa num repente 270  
 e, o que ele quisesse ouvir, ele tocava.  
 Por toda a floresta, o som dela ressoava,  
 até que todas as feras selvagens que lá residiam,  
 até ele, em busca de deleite, elas se dirigiam,  
 e todos os pássaros que ali habitavam 275  
 vinham, e em vários galhos se sentavam,  
 para ouvirem a sua harpa até o final,  
 já que havia muitas melodias ali, afinal,  
 e quando a sua harpa ele acabava de cessar,  
 próximo dele, nenhuma fera iria continuar. 280  
 Ele conseguia vê-lo lá por perto,  
 muitas vezes, sob o quente céu aberto,  
 o rei das fadas com a sua companhia  
 vinha para caçar durante o dia,  
 com gritos indistintos e sons emitindo, 285

e com ele também vinham os cães latindo,  
mas nenhum animal jamais eles pegariam,  
nem soube ele nunca para onde eles iam.  
E em outros momentos ele podia vê-lo  
com um grande exército para protegê-lo, 290  
cerca de mil cavaleiros bem arrumados,  
cada um deles muito bem armados,  
com semblantes ferozes e severos,  
alçando muitos estandartes austeros,  
e todos eles as suas espadas traziam, 295  
mas nunca ele soube para onde eles iam.  
E em outros momentos ver de novo o rei ele podia:  
cavaleiros e damas vinham dançando pela via,  
de belas aparências, de forma habilidosa,  
com passos leves e de maneira cuidadosa: 300  
lhes seguiam tamboristas e trombeteiros fiéis,  
e, junto, os mais diversos tipos de menestréis.

E, sem o rei, um dia ele viu num embalo  
sessenta damas numa corrida a cavalo,  
gentis e alegres como pássaros nas florestas: 305  
nenhum homem havia na presença destas,  
e cada uma tinha sobre os punhos um falcão,  
e cavalgavam a beira do rio por diversão.  
Com esse jogo, encontraram boas caças,  
patos, corvos-marinhos e garças, 310  
os pássaros que da água saíam.  
Criado bem os falcões elas tinham,  
cada falcão a sua presa pegou.  
Orfeo viu a tudo isso e falou:  
“Céus!” ele disse, “belos jogos estes teus, 315  
eu vou para lá, em nome de Deus!  
Para ver um feito destes, eu estava ávido”.  
Ele se levantou e partiu ligeiro num átimo.  
De uma dama ele se aproximou,  
a contemplou e logo se espantou, 320  
e viu que era, bem debaixo de seu nariz,

a sua própria rainha, a dama Heurodis.  
 Ele a observou com entusiasmo, e ela também,  
 mas ao outro nenhuma palavra saiu de ninguém. 325  
 Por ela ter visto como ele estava pobre,  
 aquele que tinha sido tão rico e nobre,  
 de seus olhos, as lágrimas caíam.  
 As outras damas a isso logo viram,  
 e fizeram-na em seu cavalo montar,  
 ela não deveria mais com ele ficar. 330  
 “Ah!” ele disse, “agora me resta o sofrimento.  
 Por que a morte não me oferece acolhimento?  
 Ah! Maldito! Por que não posso então  
 morrer agora depois desta visão?  
 Ah! A minha desgraça já durou por tempo demais 335  
 já que a minha companheira eu não posso mais  
 ter comigo ou com ela palavras trocar.  
 Ah! Por que não pode o meu coração se despedaçar?  
 Pelos Céus!” ele disse, “de qualquer forma,  
 onde quer que essas damas tenham ido não importa, 340  
 somente este caminho agora eu devo tomar,  
 já que a minha vida a morte não me vem tirar”.

O seu manto rapidamente ele tomou,  
 e em suas costas a sua harpa perdeu,  
 e, tendo muita determinação, ele partiu: 345  
 nenhum galho ou rocha lhe impediu.  
 As damas se dirigiram para uma serra,  
 e ele foi atrás, e nada restou sobre a terra.

Na serra, quando ele se aproximou do sopé,  
 depois de três quilômetros, e mais até, 350  
 ele tinha chegado numa bela região,  
 tão brilhante quanto o sol durante o verão,  
 suave e plana, verde por todos os lados,  
 nenhum vale ou colina podiam ser avistados.  
 Em meio à terra, um castelo ele via, 355  
 rico e nobre, e bem alto ele se erguia.  
 No entorno, a muralha colossal

era clara e brilhava como cristal,  
e havia cem torres em sua volta,  
maravilhosas e com feroz escolta, 360  
perante a vala, o contraforte era posicionado,  
era curvado e com ouro brilhante adornado,  
a abóbada era adornada, além do mais,  
no formato dos mais diversos animais.  
Lá dentro, tinham casas das mais vultuosas, 365  
todas decoradas com as pedras mais preciosas.  
Ali, o pior dos pilares a ser observado  
ainda era todo esculpido e dourado.  
Por toda a terra, luz sempre havia de ter,  
pois quando chegasse a escuridão e o anoitecer, 370  
iriam se iluminar as belas rochas da moradia,  
tão brilhantes quanto o sol do meio-dia.  
Ninguém poderia contar, e nem em pensamento  
podia se reproduzir aquele rico empreendimento,  
de todas as coisas que ele já tinha visto, 375  
essa parecia ser a bela corte do Paraíso.

Nesse castelo as damas tinham adentrado,  
e ele iria atrás delas, caso fosse liberado.  
Orfeo bateu no portão,  
o porteiro estava de plantão, 380  
e o que buscava ali ele lhe perguntou,  
“Céus!” ele disse, “um menestrel eu sou!  
Venho agradecer o teu rei com a minha composição,  
caso ele possua essa doce intenção.”  
O porteiro, abrindo o portão, lhe deu acesso 385  
e deixou que ele entrasse no castelo.

Então, contemplando a tudo, ele entrou,  
e, bem alinhado perto da parede, ele observou  
que pessoas foram trazidas para lá então  
e pareciam estar mortas, mas não estavam não. 390  
A algumas, a cabeça lhes faltava,  
e a algumas, nenhum braço lhes restava,  
e algumas por todo o corpo tinham feridas,

e algumas estavam amarradas, ensandecidas,  
e algumas nas estribейras dos cavalos subiam, 395  
e algumas estranguladas enquanto comiam,  
e algumas na água eram afogadas,  
e algumas eram pelo fogo todas tomadas.  
Mulheres após o parto se detinham,  
algumas mortas e algumas enlouqueciam, 400  
e muitas beldades se deitavam pelos cantos,  
como se, na madrugada, dormissem em seus recantos.  
Todas elas foram deste mundo tomadas,  
pelo poder das fadas foram para lá levadas.  
Lá ele viu a sua esposa preciosa, 405  
a dama Heurodis, a mais formosa,  
dormindo embaixo de uma árvore singela:  
por causa de suas roupas, ele soube que era ela.  
E depois de a todas essas maravilhas ter contemplado,  
para o salão real ele havia se deslocado. 410  
Então, ele teve uma visão bem elegante,  
um grande trono, luxuoso e brilhante,  
lá o senhor rei se detinha,  
e a sua bela e doce rainha.  
Suas coroas e roupas brilhavam com tanta intensidade 415  
que só era possível contemplá-los com dificuldade.  
Quando ele havia a tudo contemplado,  
perante o rei ele havia se ajoelhado.  
“Ó Senhor”, ele disse, “se for a vossa intenção,  
vós deveis escutar a minha composição”. 420  
O rei respondeu: “Que homem tu és,  
que até aqui tens botado os teus pés?  
Nem eu nem ninguém aqui comigo  
alguma vez te trouxe até cá consigo,  
desde que aqui, o meu reino, eu comecei, 425  
nunca um homem tão tolo eu encontrei  
que até nós audaciosamente viesse,  
antes que convocado a ele eu tivesse”.  
“Senhor”, ele disse, “acredite, meu nobre,

eu nada sou além de um menestrel pobre, 430  
e, senhor, é da nossa natureza  
procurar muitos lares da nobreza,  
bem-recebidos podemos não ser,  
mas a nossa canção devemos oferecer”.

Ele se sentou perante o rei implacável 435  
e tomou a sua harpa de som tão agradável,  
e tocou a sua harpa, o melhor que ele conseguiu,  
e, por ali, belíssimas notas ele atingiu,  
até que todos no palácio tinham  
se aproximado dele e o ouviam, 440  
e se aproximavam tanto quanto se podia,  
eles acharam muito boa a sua melodia.

O rei ouviu e se sentou bem ereto,  
ele ouvia canções com muito afeto,  
com essa canção ele ficou bem contente, 445  
a bela rainha ficou igualmente.

Quando ele tinha terminado de tocar,  
a ele então o rei se pôs a falar:  
“Menestrel, eu gostei muito da sua canção.  
Agora peça de mim o que quiser então, 450  
fartamente eu irei lhe pagar.

Fale agora e poderás desfrutar.”  
“Senhor”, ele disse, “eu desejo  
que tu me concedas um belo ensejo:  
aquela dama de cores brilhantes, 455  
que dorme sob a árvore de antes”.

“Não”, disse o rei, “isso eu não posso dar!  
Vós dois formaríeis um infeliz par,  
pois tu és vulgar, simples e maltrapilho,  
e ela é adorável, sem nenhum empecilho, 460  
uma coisa odiável seria essa,  
deixar que ela parta sob sua tutela”.

“Ó Senhor”, ele disse, “rei gentil,  
esse seria um ato muito vil,  
ouvir a vossa boca proferir mentiras, 465

então, senhor, como tu mesmo admitiras,  
o que eu pedisse me seria concedido,  
e agora o vosso juramento deve ser mantido”.  
O rei disse: “Assim deve ser então,  
tome a mão dela e parta desta nação, 470  
eu desejo que com ela encontre a felicidade”.  
Ele se ajoelhou e o agradeceu com agilidade,  
a sua esposa ele tomou pela mão,  
e partiu daquela terra sem hesitação,  
e para longe daquela gente se retirou, 475  
o mesmo caminho que lhe trouxe, tomou.

Muito tempo no caminho ele teve que ficar,  
até que a Winchester ele pudesse chegar,  
que era a sua própria cidade,  
mas que era ele, ninguém sabia, na verdade. 480  
Para não muito além do limite do povoado  
ele deveria ir, para não ser identificado,  
somente no lar de um pobre anfitrião,  
lá por perto, ele teve a sua acomodação,  
para ele e para a sua própria consorte, 485  
como se fosse um menestrel de má sorte,  
e de coisas sobre aquela terra perguntava,  
e sobre quem aquele o reino controlava.

O pobre anfitrião num instante  
assim contou a ele o bastante: 490  
como a sua rainha havia sido capturada  
dez anos atrás por um homem-fada,  
e como o seu rei partiu para a solidão,  
mas que ninguém sabia a sua localização,  
e como o regente o país governou, 495  
e muitas outras coisas lhe falou.

No dia seguinte, antes que o meio-dia chegasse,  
ele fez com que ali a sua esposa o esperasse,  
o manto de andarilho ele colocou  
e a harpa em suas costas pendurou 500  
e partiu para o interior da cidade,

para que pudessem ver a sua dificuldade.  
 Os condes e os barões determinados,  
 cidadãos e damas contemplavam vidrados.

“Vejam”, diziam, “mas que homem! 505  
 Tão longos os seus cabelos o cobrem!  
 Vejam, como até os joelhos se estende a sua barba!  
 Magro como uma árvore ele se arca!”

E enquanto pela rua ele estava a andar,  
 com o seu regente ele foi se encontrar, 510  
 e entoou bem alto um grito de verdade:  
 “Senhor regente”, ele disse, “piedade!  
 Eu sou um harpista de um país pagão,  
 ajude-me agora a sair desta situação!”

O regente disse: “Acompanhe-me, vem, 515  
 do que eu tenho um pouco tu terás também.  
 Todo bom harpista é hóspede meu,  
 por amor ao meu senhor, Sir Orfeu.”

No castelo, para comer, o regente havia se sentado,  
 e muitos outros nobres se sentavam ao seu lado. 520  
 havia muitos trombeteiros e percussionistas,  
 também muitos harpistas e liristas.  
 Faziam, todos eles, muita melodia então,  
 e Orfeu se sentou quieto no salão,  
 e ouviu. Quando eles tinham terminado 525  
 ele pegou a sua harpa e tocou empenhado,  
 ali, ele tocou os mais belos sons já emitidos,  
 até que todo mundo escutou com seus ouvidos,  
 a sua canção todos gostaram de ter.

O regente contemplou e foi ver, 530  
 e reconheceu na harpa o azul da sua tonalidade.  
 “Menestrel”, ele disse, “diga-me a verdade,  
 onde conseguistes essa harpa e de que forma?  
 Eu te peço que me fales agora.”

“Senhor”, ele disse, “em terras desconhecidas, 535  
 através de desolações por mim já percorridas,  
 eu encontrei, passando pelas depressões,

um homem que foi estraçalhado pelos leões,  
 e lobos com presas afiadas o haviam devorado.

Eu encontrei esta harpa ao seu lado, 540  
 há mais de dez anos, com certeza.”  
 “Ó”, disse o regente, “mas que tristeza!  
 Esse era o meu senhor, Sir Orfeu.  
 Ah! Maldição! Como superarei o que aconteceu?  
 Eu, que ao meu senhor acabei por perder? 545  
 Ó Céus! Mas que maneira de morrer!  
 Ter um destino tão desafortunado  
 e um final terrível assim consumado!”  
 Ao sofrer um desmaio, caiu no chão.  
 Seus barões o agarraram ali no salão, 550  
 e disseram-lhe que assim as coisas eram,  
 que a morte todos os homens esperam.  
 O rei Orfeo se ajoelhou então,  
 seu regente era um fiel varão,  
 e, assim como se devia, amava o seu rei, 555  
 ele se levantou e disse assim: “Ei!  
 Regente, a isso ouça agora:  
 se eu fosse o rei Orfeo de outrora,  
 e tivesse por muito tempo sofrido,  
 muito apuro no estrangeiro percorrido, 560  
 e tivesse conseguido recuperar a minha dama  
 direto da terra das fadas de muita fama,  
 e tivesse trazido a rainha, na realidade,  
 de volta até aqui, no limiar da cidade,  
 e com um homem pobre a deixei 565  
 e então até aqui assim eu cheguei,  
 de maneira pobre, para que logo então  
 eu pudesse examinar a tua boa intenção,  
 e com isso constato que tu és leal?  
 Não deves mais lamentar afinal: 570  
 Certamente, no amor ou no sofrimento,  
 tu deves ser rei depois de meu falecimento.  
 E se com a minha morte tivesses se regozijado,

daqui rapidamente tu terias sido levado.”

Então, todos que lá sentados estavam, 575  
que era o rei Orfeo, logo constatavam,  
e, que era ele, o regente logo notou,  
os pratos da mesa, para os lados, ele atirou  
e ajoelhado se pôs aos seus favores,  
assim como, dali, todos os senhores, 580  
e todos exultaram e brandiram um clamor:  
“Vós sois o nosso rei e nosso senhor!”  
Por ele estar vivo, se alegraram.  
Para o seu quarto, logo eles o levaram  
e banharam-no e fizeram a sua barba, 585  
e vestiram-no como se deve a um monarca.  
E depois, com uma grande procissão  
trouxeram a rainha para dentro da mansão,  
com tantas canções quanto se podia.  
Senhor! Houve grande melodia! 590  
Pois, de alegria, seus olhos choravam  
porque seguros eles se encontravam.  
Que o rei Orfeo foi coroado de novo, se diz,  
assim como a sua rainha, a senhora Heurodis,  
e ainda viveram muitos anos à frente, 595  
e depois se tornou rei o regente.  
Depois disso, os harpistas na Bretanha  
ouviram como começaram essas façanhas  
e fizeram delas uma balada de bom gosto,  
e a batizaram conforme o nome do rei posto, 600  
“A balada de Orfeo”, ela é chamada,  
doce é o som dela, boa é a balada.  
Assim, de Orfeo, se encerram as suas jornadas.  
que Deus nos abençoe em nossas caminhadas. Amém!

## REFERÊNCIA

ANDERSON, J. J. (ed.). *Sir Gawain and the Green Knight, Pearl, Cleanness and Patience*. 20. ed. London: Orion Publishing Group, 2005.

BRAZ, A. P. *Lactância e a polêmica sobre a origem dos deuses: uma análise do evemerismo nas divinas instituições (séc. IV d. C.)*. 2020. 223f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, 2020.

BROULAND, M.-T. *Le Substrat celtique du lai breton anglais “Sir Orfeo”*. Paris: Didier Érudition, 1990.

FRANÇA, M. da. *Lais de Marie de France*. Présentés, traduits et annotés par Alexandre Micha. Malesherbois: Flammarion, 1994.

HOROBIN, S.; SMITH J. *An Introduction to Middle English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2002.

KUHN, S. M.; REIDY, J. (ed.). *Middle English Dictionary*. Champaign: University of Illinois Press, 1970.

LANGLAND, W. Piers Plowman. In: VAUGHAN, Míceál F. (ed.). *Piers Plowman: The A Version*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2011.

LARANJEIRA, M. *Poética da Tradução: Do Sentido à Significância*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. (Criação e Crítica, v. 12).

OVÍDIO (Publius Ovidius Naso). *Metamorfoses*. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias; apresentação de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.

REANEY, G. Concerning the Origins of the Medieval lai. *Music & Letters*, Oxford, v. 39, n. 4, p. 343-346, 1958.

SANT’ANA, S. R. S. O mito de Orfeu na Inglaterra: uma análise da balada Sir Orfeo. *Nuntius Antiquus*, v. 21, n. 1, p. 1-21, 2025.

SISAM, K.; TOLKIEN, J. R. R. *A Middle English Reader and Vocabulary*. North Chelmsford: Courier Corporation, 2011.

SWEET, H. *First Middle English Primer*. Merchantville: Arx Publishing, LLC, 2005.

Recebido em: 03/12/2025

Aceito em: 15/04/2026

